



Desenvolvimento mental e aprendizagem de adultos trabalhando com crianças em instituições

Adult Mental Development: How caretakers learn to work with children

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Resumo

Doutora em Educação, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, RJ – Brasil, e-mail: mariasucupiralins@terra.com.br

Recebido: 13/12/2011
Received: 12/13/2011

Aprovado: 04/10/2012
Approved: 10/04/2012

Esse artigo focaliza o desenvolvimento psicológico de mulheres cuidadoras de crianças em instituições. Elas não terminaram a escola elementar e apresentavam baixa autoestima. Estavam no período cognitivo racional concreto e tinham dificuldade de entender o desenvolvimento das crianças. Receberam fundamentação teórica para ajudá-las a encontrar soluções. Ouvimos essas pessoas e observamos seu trabalho com as crianças. Aulas foram dadas pela pesquisadora em uma linguagem simples de acordo com as necessidades das cuidadoras. A teoria de Piaget foi a fundamentação. A abordagem metodológica de Barbier (pesquisa-ação) deu a oportunidade de uma profunda interação. Resultados: Com as aulas, o entendimento dessas mulheres foi melhorado e elas tiveram melhor interação com as crianças. Sua compreensão das crianças e sua linguagem melhoraram. O desenvolvimento das crianças foi considerável e pode ser observado por meio de diferentes novas habilidades. Mesmo sem dados quantitativos, devido à metodologia da pesquisa-ação, os resultados são úteis para as implicações pedagógicas.

Palavras-chave: Desenvolvimento de adultos. Currículo escolar. Desenvolvimento cognitivo. Aprendizagem.

Abstract

This paper focuses on the psychological development of women taking care of children in an orphan asylum. They did not finish elementary school and have low self-esteem. Being at the concrete rational cognitive period they could not understand the children's development. We talked to them and gave them theoretical foundation to help finding solutions. We listened to them, and their work with the children was observed. They were asked to explain some concepts. Classes were given by the researcher in a simple language according to their needs. Piaget's Theory was the theoretical support. Barbier's methodological approach (active-research) gave the opportunity of deep interaction. Results: The understanding of these women was improved and they had a better interaction with children. Their understanding of children and language were also improved. Children's development was remarkable and could be observed through different new abilities. Even without quantitative data, due to the active-research methodology, the results are useful to pedagogical implications.

Keywords: Adult development. School curriculum. Cognitive development. Learning.

Introdução

Existem no Brasil diferentes instituições que acolhem crianças órfãs ou que precisam ficar em algum lugar seguro, que lhes dê moradia e educação durante a semana enquanto as mães e os pais trabalham fora. Esses estabelecimentos podem ser mantidos pelos órgãos públicos ou privados, sendo esses últimos tradicionalmente as igrejas de diferentes denominações religiosas. Muitas vezes, observamos que os adultos engajados nesse trabalho, sejam oficialmente contratados ou voluntários, não têm uma formação adequada. Além de não possuírem uma escolarização completa, muitos deles estão ainda no início, cursando as primeiras séries do sistema de ensino, em uma defasagem com a própria faixa etária, o que é frequente. Interessada em identificar os problemas decorrentes da ação desses adultos despreparados lidando com as crianças sob seus cuidados, comecei a pesquisa.

A partir da observação feita, algumas ideias surgiram, tais como descobrir maneiras de favorecer o desenvolvimento desses adultos, tendo como objetivo não só a melhoria das crianças sob sua responsabilidade, como o próprio aperfeiçoamento dessas pessoas. A questão da educação de adultos vem chamando a atenção, principalmente depois dos pronunciamentos de especialistas da UNESCO sobre essa necessidade premente, pois, “por toda parte no mundo, a necessidade está presente hoje de criar instituições voltadas para categorias especiais de adultos – trabalhadores sem qualificação” (Faure, 1972, p. 154), o que está na raiz desta pesquisa.

Este artigo surge então do trabalho de campo realizado pela pesquisadora com os adultos que trabalhavam em um orfanato na cidade do Rio de Janeiro, mantido pelos órgãos públicos do município e associado à ajuda de uma instituição particular que fornecia o pessoal especializado para direção. Há neste orfanato um grupo de mulheres que trabalham como ajudantes, as quais não possuem nenhum treinamento específico. Essas mulheres estão em contato direto com as crianças e nos chamou a atenção o tipo de relacionamento que elas estabeleciam.

Na realidade, apesar de ser denominado orfanato, a instituição, que é centenária, atualmente se volta mais especificamente para o abrigo de crianças que ali permanecem durante a semana. As crianças chegam na segunda-feira, primeiro dia de trabalho

da semana de seus pais e são entregues ao pessoal da Casa.¹ Na sexta-feira, à tarde, quando terminam seu dia de trabalho, mães e pais, na maioria mães, vão à Casa e pegam seus filhos.

Algumas dessas mães trabalham na própria Casa e também moram ali. Essas mães foram as participantes da presente pesquisa. O problema central da proposta aqui apresentada foi o desenvolvimento psicológico dessas mulheres, sem que, no entanto, essa ideia tenha sido plenamente clarificada a elas. De modo indireto, foi realizado um processo de acompanhamento prático das atividades dessas mulheres com uma série de encontros semanais com objetivo de realizar fundamentação teórica que lhes desse suporte.

Os objetivos e os propósitos da pesquisa que serviram de base para este artigo podem ser entendidos a partir da seguinte contextualização. Inicialmente, esta pesquisa foi planejada depois que tivemos um encontro com a diretora da Casa, situada em um bairro da cidade do Rio de Janeiro, no qual ela nos contou sobre os problemas que surgem a partir do comportamento das mulheres que tomam conta das crianças e trabalham com essas crianças, além de morarem na própria Casa com seus filhos e as demais crianças. Essas mulheres não têm propriamente uma profissão regulamentada. Elas tomam conta das crianças e são às vezes identificadas de forma bem ampla e geral com o nome de “auxiliares”, ou seja, aquelas pessoas que auxiliam e ajudam.

Essas dificuldades foram identificadas principalmente como:

1. Ausência de compreensão das capacidades e habilidades das crianças;
2. Desconhecimento das necessidades, limites e interesses das crianças;
3. Demonstração de baixa autoestima e autoconsciência;
4. Privação de informação sobre a criança e conhecimento teórico específico.

Resumindo o quadro da situação cognitiva e profissional desses adultos, o que se pode afirmar é que essas mulheres que tomavam conta das crianças e cuidavam da higiene, da alimentação e da hora de

¹ Não identificaremos a instituição pelo nome, por isso chamaremos a partir de agora apenas de Casa.

dormir e do lazer delas não apresentavam nenhuma qualificação especial. Muito pelo contrário, o que se observou foi um grupo de adultos sem um desenvolvimento de suas potencialidades e privado de seus direitos de aperfeiçoamento durante todos os anos de sua vida.

Por meio de conversas e observação de suas atividades, imediatamente consideramos que deveríamos fazer uma pesquisa para identificar o nível psicológico desses adultos e também para verificar a possibilidade de um desenvolvimento cognitivo. Diante dessa situação, solicitamos da direção a autorização para a realização da pesquisa, que passamos a relatar, a qual nos foi imediatamente concedida. Consideramos que poderíamos tentar um experimento no qual fossem dadas, a essas mulheres que tomam conta das crianças, algumas instruções que pudessem ajudá-las a mudar o quadro existente. Fomos mais adiante, pois não só ficamos num plano superficial de fornecer elementos para uma mudança comportamental, mas organizamos a pesquisa com um desenho que possibilitasse a elas um profundo desenvolvimento pessoal.

Deixamos aqui o agradecimento a toda a equipe da direção da Casa pelo acolhimento e pelo acompanhamento durante toda a realização das observações e dos encontros teóricos.

O primeiro objetivo pode ser entendido como a meta de melhor preparar essas mulheres para aprimorar seu trabalho com as crianças que moravam na Casa. Como uma consequência desse objetivo, visamos a obtenção, por parte desses adultos, de uma melhor compreensão de si mesmas, das crianças, das outras pessoas, das coisas e do mundo a sua volta.

A direção da Casa nos informou que essas mulheres que tomavam conta das crianças não sabiam o que fazer concernente ao seu relacionamento com as crianças. Isso foi também por nós logo observado. Era visivelmente grande a dificuldade desses adultos em encontrar uma solução para resolver todo e qualquer problema. Diante disso, começamos a supor que haveria uma má estruturação cognitiva no desenvolvimento psicológico dessas mulheres. Depois de mais alguns encontros com a direção, nos quais foi discutido, especialmente, esse problema, nós sugerimos, como hipótese, que se essas mulheres pudessem receber alguma orientação, tanto teórica como prática, elas poderiam melhorar o próprio desenvolvimento mental e também

poderiam tomar conta das crianças de uma maneira mais adequada.

Principalmente, nós queríamos dar a essas mulheres uma oportunidade para que aprendessem sobre o desenvolvimento das crianças porque consideramos que isso iria ajudá-las a melhor se desenvolver e a melhor realizar seu trabalho.

Resumindo, lembramos que dois objetivos principais podem ser identificados nesta pesquisa:

1. Melhorar o desenvolvimento mental e a prática de trabalho dessas mulheres, embora elas não tenham tido uma educação profissional e nem mesmo uma escolarização básica completa. Elas precisam alcançar esse objetivo urgentemente porque elas já estavam trabalhando com as crianças e não sabiam o que fazer exatamente.
2. Acreditamos que outro objetivo poderia também ser alcançado se a prática dessas mulheres pudesse ser melhorada. O desenvolvimento das crianças poderia ser melhor como uma consequência dessa melhoria.

A ideia central deste artigo foi inicialmente apresentada, de forma bastante reduzida, como pôster para discussão no *18th Annual International Symposium of the Society for Research in Adult Development (RSAD)* em 2003 na cidade de Tampa, na Flórida, Estados Unidos, com o título *Adult Mental Development: working with concrete period children's caretakes*. Considerando a atualidade do problema e a permanência da situação, pois na Casa continua a existir a prática do sistema de mães que tomam conta das crianças nos horários em que elas não estão na escola, desenvolvo esta reflexão que deve ser sempre continuada.

O desafio do desenvolvimento das mulheres que tomam conta de crianças

Os currículos escolares de formação de professores providenciam o preparo de jovens que vão se dedicar ao ensino das crianças. No Brasil, esses cursos são procurados por alunos que terminaram os nove anos do Ensino Fundamental e que depois de mais quatro anos estarão habilitados ao trabalho com crianças nas escolas de Educação Infantil. Não há, de forma geral, alternativas curriculares que preparem pessoas que tomam conta de crianças.

Nem mesmo alguma especificação curricular extra para o pessoal que já está engajado nas atividades com crianças.

Há nesta pesquisa uma proposta curricular que pode ser utilizada em diversas instituições de ensino que preparam as pessoas que irão lidar com a Educação Infantil. Não se trata de um modelo rígido, mas de uma experiência que deu certo e que pode mostrar pistas para reflexões futuras. Vejamos o que foi encontrado na situação específica da Casa enfocada e o que foi realizado na perspectiva de uma pesquisa-ação com intervenções pedagógicas possíveis e necessárias.

Na época da pesquisa, havia acontecido uma reforma administrativa na Casa e o número de crianças entre quatro e sete anos havia diminuído para sessenta que moravam lá durante a semana. Não consideramos para esta pesquisa as crianças mais novas ou mais velhas, pois as mulheres que tomavam conta de crianças participante do projeto estavam diretamente ligadas somente a essa faixa etária. Havia meninos e meninas, mas dispensamos as diferenças de sexo para este estudo, pois não consideramos relevante nesta idade, por isso o quantitativo em separado não constará nos dados.

Todas as sessenta crianças frequentam escola no próprio espaço físico da Casa, que é grande o suficiente para oferecer salas de aula além dos dormitórios, refeitórios, salão de lazer e quadra de esportes. A escola significa o conjunto de professoras e coordenadora enviadas pela Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro para uma atuação sistemática na Casa. Durante o horário das aulas, as crianças estão diretamente sob a responsabilidade das professoras. As aulas funcionam apenas no turno da manhã ou no turno da tarde, de modo que há sempre crianças que não estão na escola e por isso estão sob os cuidados dessas mulheres.

Havia vinte e três mulheres com essa função de tomar conta das crianças na Casa em questão. Elas moram na Casa, porque não têm uma habitação própria e seus filhos também estão ali. De certa forma é um acordo que se torna conveniente para todas as partes, ou seja, para as crianças e suas mães e também para a coordenação da Casa. Ter um filho ou uma filha na Casa é o critério fundamental para que elas estivessem ali tomando conta de crianças, como fomos informadas. Elas cuidavam das crianças não porque tivessem alguma forma de educação profissional específica para essa tarefa, o que

nos preocupava bastante. Devido a essa carência de formação específica, as mulheres agiam de forma intuitiva. Isso foi percebido nas observações que fizemos, pois notamos que realmente estavam muito mais próximas das características do período pré-operacional intuitivo do que do racional (Piaget, 1964). No entanto, cabe lembrar que “são poucos os adultos, mesmo os mais escolarizados que utilizam sistematicamente o pensamento operatório formal” (Marchand, 2001, p. 870).

Durante quase dois anos, observamos essas mulheres que tomavam conta das crianças na Casa e tivemos aproximação com elas no momento em que se reuniam para as exposições teóricas que fizemos. As mulheres foram divididas em dois grupos que se encontravam semanalmente para as aulas de fundamentação teórica. Além disso, houve conversas individuais com elas, e, com o passar do tempo, muitas vezes a pesquisadora foi procurada por iniciativa delas para conversas particulares, demonstrando um ganho de autoestima e maturidade em geral reveladas por essa confiança. Pode-se antecipar que essas conversas que começaram de forma vaga e impessoal chegaram a um nível de maior profundidade e de busca de aconselhamento pessoal.

De acordo com a metodologia da Escuta Sensível (Barbier, 1997), procuramos ouvir essas mulheres em todas as oportunidades e de diferentes modos, muito além do que apenas se refere a aspectos da linguagem. A Escuta Sensível é ampla e total, permitindo um conhecimento melhor das pessoas observadas. Essa metodologia foi a abordagem escolhida porque nos oferece a oportunidade de estar bem próxima da situação e também nos fala sobre a aprendiz. Por meio dessa Escuta Sensível há uma percepção cada vez mais apurada do desenvolvimento integral das pessoas.

Discutimos continuamente com essas mulheres sobre os problemas que elas traziam e procuramos dar, de forma simples e adequada, uma fundamentação teórica para que encontrássemos soluções. Observamos-nas em suas atividades com as crianças e conversamos com elas sobre as crianças, e nessas ocasiões ouvíamos o relato das impressões que tinham sobre os comportamentos das crianças. Pedíamos também que explicassem os termos que utilizavam, em uma tentativa de estabelecer conceitos, e também solicitamos que tomassem decisões sobre problemas práticos presentes em seu trabalho. Foi possível constatar que estavam

se esforçando para pensar de forma racional, ainda que apenas concreta. Para isso, usamos tarefas piagetiana simples que podem facilmente mostrar o nível de desenvolvimento psicológico.

A fundamentação teórica teve como base a obra de Piaget, que embora não diretamente ligada ao desenvolvimento de adultos oferece uma descrição da estruturação mental que foi de grande utilidade. Foi importante também a publicação de um curso dado por meio da televisão para adultos, (Müller, 1977) o qual apresenta princípios da psicologia do desenvolvimento passo a passo, de modo que seja possível uma compreensão mesmo por pessoas que não estão com as estruturas mentais plenamente construídas. De acordo com nossa realidade, muitas adaptações foram feitas desse modelo.

Em primeiro lugar, havia o fato de que as aulas foram pessoalmente dadas pela coordenadora da pesquisa, enquanto na obra citada o curso foi de Educação a Distância por meio da televisão. Houve necessidade de uma ainda maior simplificação da linguagem para que fosse atendido o nível das frequentadoras das aulas. Os temas e os problemas foram selecionados a partir de situações concretas surgidas no próprio trabalho dessas mulheres com as crianças. As aulas aconteceram durante um ano e meio, tendo se iniciado no mês de março e se encerrando em junho do ano seguinte. Durante todo esse período, os princípios psicológicos básicos foram estudados e a aplicação prática foi sempre discutida.

É interessante observar que a diretora da Casa e mais duas pessoas da equipe de direção frequentaram as aulas e puderam também observar o desenvolvimento que se fazia visível a cada novo encontro. Entrevistas personalizadas foram feitas com cada uma das alunas e posteriormente com a diretora e outras pessoas da equipe da Casa. Depois do período de um ano e meio de prática na Casa, o resto de tempo da pesquisa foi dedicado à análise dos dados obtidos por meio da metodologia de Bardin (1996).

Resultados da pesquisa

Esse tipo de pesquisa-ação, de acordo com Barbier, nos forneceu uma quantidade de informação muito peculiar, incapaz de ser demonstrada por gráficos e percentagens, quadros estatísticos ou medidas. Como foi mencionado, conseguiu-se

identificar o período de desenvolvimento psicológico das mulheres como final do intuitivo, que é parte do estágio pré-operatório. Em algumas das provas piagetianas podia ser observada uma transição para o estágio operatório concreto e havia manifestações de tentativas de expressão de raciocínios simples, ligados à causalidade principalmente. A socialização foi um fator observado, e que, segundo Piaget (1973), tem papel importante no desenvolvimento psicológico. Não havia uma clara atitude socializada entre as componentes do grupo, embora estivessem trabalhando juntas. Progressivamente, a experiência lhes possibilitou o diálogo, a solidariedade e o respeito mútuo, além da compreensão de pontos de vista diferentes do seu próprio.

Outra característica muito importante foi a questão da motivação. Inicialmente, essas pessoas não estavam motivadas e tinham bastante dificuldade na compreensão de praticamente tudo que se lhes apresentava. O interesse demonstrado foi altamente positivo e se constituiu um dos fatores predominantes na aquisição do desenvolvimento psicológico dessas mulheres. Observe-se que elas foram levadas à pesquisa pela direção da Casa, e embora tenhamos perguntado se queriam realmente estar ali, podia-se perceber que não estavam muito motivadas. Chegavam silenciosas e sem uma evidência de que haviam esperado esse momento ou que se prepararam para ele. Até mesmo na maneira de se vestir, de se pentear e de se posicionar, elas revelavam certo distanciamento da realidade das aulas. Pouco a pouco, isso foi se transformando e elas começaram a se comportar de uma maneira diferente. Podemos inclusive notar que elas passaram a se vestir mais cuidadosamente. Algumas se penteavam e se perfumavam, procurando mostrar que valorizavam aqueles encontros.

Um detalhe que nos chamou a atenção foi o início das conversas, tanto entre elas como com a pesquisadora. Começaram a perguntar alguma coisa que não entendiam e também queriam, cada vez com mais entusiasmo, contar exemplos que haviam se passado com elas no cuidado com as crianças. Queriam narrar sua prática e tinham agora algo interessante para contar. A maior parte de seus questionamentos era relacionada a problemas que tiveram imediatamente antes da aula nas atividades com as crianças. Elas contavam o que havia acontecido e propunham soluções e também solicitavam ajuda.

A partir dessa novidade de comportamento começamos a listar em conjunto, algumas formas de comportamentos que considerávamos errados em sua prática. Destacamos atitudes que não estavam adequadas em suas atividades com as crianças e perguntávamos o que pensavam sobre elas. Dentre as mais importantes, podemos indicar:

1. Gritar com as crianças
2. Bater nas crianças
3. Tomar o brinquedo das mãos da criança que não obedecia imediatamente
4. Exigir obediência imediata da criança para ordens que não eram adequadas

A partir da quarta observação, começamos a refletir sobre quais seriam essas “ordens que não eram adequadas”. Houve dificuldade nesse aspecto porque elas precisavam estabelecer um paralelo entre as capacidades das crianças que estavam sob sua observação e as exigências das ordens que davam. Muitas vezes pretendiam que a criança se comportasse como se tivesse mais idade, mais capacidade motora, cognitiva, social e afetiva. Analisamos as atitudes distribuindo-as nessas quatro classes e organizamos um quadro de capacidades infantis, em uma linguagem bem simples, de modo que elas pudessem acompanhar com suas próprias atitudes.

Nesse quadro estavam presentes:

Motora: andar sozinha, pular, correr, subir um degrau, sentar-se na cadeira sozinha, puxar um objeto grande e coordenação de braços e pernas em movimentos simples.

Cognitiva: linguagem (vocabulário e expressão verbal), identificação de formas, cores, nomes de pessoas e objetos e pequenos exercícios de memória.

Social: trabalhos em duplas, em trios e em equipes. Jogos de competição. Experiências de trocas e de solicitude no empréstimo de objetos. Gentileza no agradecimento e no pedido de algo a outra pessoa.

Afetivo: Simpatias e antipatias. Bom humor e alegria nas atividades.

Esse quadro foi elaborado lentamente e sempre com a ajuda de todas as mulheres que tomavam conta das crianças, a partir dos exemplos que elas

forneciam. Em seguida elas foram orientadas a se guiarem por esses indicadores, o que fizeram com prazer e constância.

Conclusões

Antes da pesquisa ser iniciada, todas as mulheres já estavam adaptadas ao trabalho e prestavam seus serviços às crianças residentes na Casa, no entanto, sua prática mudou de acordo com a aquisição de novos conceitos. A fundamentação teórica e o acompanhamento recebidos funcionaram como elemento de desenvolvimento dessas prestadoras de serviço. Fazendo um paralelo, vejamos Maciel Filho (2007, p. 252) na seguinte observação:

Highlander research and Educational Center usa educação de adultos para fortalecer e organizar sindicatos locais e grupos de defesa civis. Treinou milhares de afro-americanos através de processos de alfabetização. Fundado em 1932 por Myles Horton nas montanhas da região do Appalachian nos Estados Unidos. As “Citizenship Schools” representaram a maior e a mais bem sucedida campanha de alfabetização de massa desenvolvida naquele país.

É importante que medidas sejam tomadas com relação às pessoas adultas para que tenham oportunidade de se desenvolver integralmente. Tanto para seu próprio benefício, o que já é um objetivo fundamental, como no caso específico desta pesquisa, em que o desenvolvimento mental dos adultos responsáveis por crianças se reflete em um valor para as crianças.

Há uma contribuição a partir desta pesquisa, tanto no plano científico propriamente dito como no âmbito educacional. Pode-se continuar pesquisando dentro desse enfoque e se chegar a construir uma metodologia apropriada e inferir elementos teóricos significativos, além da multiplicação pedagógica possível deste experimento.

Isso porque foi observado um processo de construção de um novo comportamento para cada situação vivida por essas tomadoras de conta de crianças de maneira que elas evidenciavam o próprio desenvolvimento mental que construíam. Para cada situação da lista e para cada aspecto do quadro houve uma resposta importante. Enfatizamos que elas

passaram a se expressar de maneira muito mais clara e organizada, próprio de quem começava a raciocinar e deixava para trás as características do pensamento rígido da transdução. Assim, podemos concluir que a linguagem foi a evidência especial de que havia uma nova abordagem feita por essas mulheres em relação às crianças sob seus cuidados. A diferença foi bastante apreciável, no vocabulário e no modo como falavam com as crianças, demonstrando uma evolução inequívoca, principalmente quando nos lembramos das dificuldades iniciais de comunicação.

A ideia sobre o que uma criança pode fazer também mudou. Pelo fato de que elas não conheciam o que uma criança em média em determinada idade pode fazer ou o que se espera dessa criança, as mulheres não tinham paciência nem cuidado. Elas também não aceitavam o fracasso das crianças em atividades que ainda não eram possíveis a elas, simplesmente porque desconheciam a evolução das crianças. Com esta aquisição, as mulheres se sentiram muito mais confiantes em si mesmas o que mudou o relacionamento na Casa de forma geral.

Mesmo sem terem atingido um alto nível de desenvolvimento mental, se pensássemos na idade cronológica delas, ainda assim houve um progresso considerável. A diretora da Casa também relatou suas observações e nos disse que observou uma melhor interação entre as crianças e essas mulheres. A diretora da Casa nos contou ainda que o desenvolvimento das crianças foi considerável e que isso podia ser observado por meio das diferentes novas habilidades que apresentavam.

Esta pesquisa foi muito útil, mesmo sem dados quantitativos, pois como era o nosso objetivo não pretendíamos mais do que essa modificação proveniente do desenvolvimento psicológico dos adultos. Como implicação pedagógica, observamos que não se pensa que um curso oferecido como parte de uma pesquisa tenha a pretensão de substituir a educação pedagógica apropriada que as pessoas deveriam ter. Mas é importante em uma situação como essa porque essas mulheres já estavam trabalhando e iriam continuar lidando com as crianças.

Os resultados mostraram que as tomadoras de conta podem fazer um trabalho melhor depois de terem recebido orientação porque elas desenvolveram seu nível psicológico e melhoraram sua autoestima. Seu interesse foi crescente durante as aulas e elas terminaram por gostar realmente do

que estavam fazendo, procurando sempre conversar com a pesquisadora sobre diferentes assuntos. Elas começaram a acreditar em seu trabalho pelos seguintes motivos:

1. Maior habilidade para trabalhar como um resultado de seu desenvolvimento mental e também pela nova informação que foi adquirida.
2. Melhor consciência da importância de seu trabalho e do seu próprio papel nele.

Podemos concluir que há também uma importância social e política nesta pesquisa porque ela poderia servir como um modelo ou um projeto piloto para outras instituições semelhantes e que apresentam problemas da mesma natureza. A pesquisa oferece uma experiência prática para a construção de currículo de formação de professores e também na disciplina Educação de Jovens e Adultos. Houve uma real interação com todas as pessoas envolvidas na pesquisa e isso foi fundamental para que os objetivos fossem alcançados e as atividades fossem bem sucedidas.

Pesquisas como esta devem ser discutidas, pois há uma enorme necessidade de estudos e planos de ação que visem o desenvolvimento de adultos que foram impedidos de seguir o processo de sua evolução paralelamente ao crescimento cronológico. Devemos ainda nos lembrar que a situação em muitos países ainda é semelhante a essa descrita na pesquisa, na qual pessoas adultas estão trabalhando sem a devida formação profissional. São pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar a escola ou de se desenvolver por outras maneiras alternativas e por isso merecem e precisam ser atendidas urgentemente.

Referências

- Baldwin, Alfred (1967). *Theories of Child Development*. John Wiley & Sons, Inc. Nova York.
- Barbier, René (1977). *La recherche-action dans l'institution éducative*, Gauthier-Villars, Paris.
- Barbier, René (1996). *La recherche-action*, Anthropos, col. Ethno-sociologie-poche, Paris.
- Bardin, Laurence (1996). *L'Analyse de Contenu* 8^{ème} ed. PUF-Paris.

- Faure, Edgard (1972). *Apprendre à être*. UNESCO-Fayard. Paris.
- Maciel Filho, Adalberto (2007) Empreendedorismo social: algumas considerações. In Pedrosa; Maciel Filho, & Assunção. *Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável*. EDUPE, Recife.
- Marchand, Helena (2001). *Temas de desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Ed. Quarteto: Coimbra, Portugal.
- Müller, Kurt (1977). *Psicologia aplicada à Educação*. v. 1 e v. 2. Ed. EPUSP. Trad. Toledo, Caio; Geis, Rosa et al. Telekolleg für Erzieher Psychologie. Verlagsunion GmbH, München.
- Piaget, Jean (1952). *Psychologie de l'intelligence*. Librairie Armand Colin, Paris.
- Piaget, Jean (1964) *Six Etudes de Psychologie*. Ed. Gonthier, Geneve.
- Piaget, Jean (1973). *Études Sociologiques*. PUF-Paris.dr